

INCIPIT: O Começo como Essência

A palavra *incipit*, derivada do latim, significa "começa" ou "inicia" e representa um momento de revelação e potência criadora. No universo literário, designa o instante inaugural de uma obra, o momento em que se estabelece um pacto entre criador e observador, onde a narrativa ganha forma e direção. Trata-se de uma força estruturante, um gesto inaugural que molda não apenas a obra, mas também a experiência de quem a contempla. Mais do que um primeiro passo, o *incipit* é um portal de entrada para um universo de possibilidades, transportando consigo a promessa do que está por vir. É um espaço de emergência onde a matéria informe se torna forma, onde o indizível se converte em discurso e onde o caos se ordena num sistema de significados.

No contexto contemporâneo, em que a velocidade da informação e a fragmentação da atenção moldam a forma como consumimos cultura, o *incipit* assume um significado ainda mais profundo: é o instante decisivo em que algo prende ou se perde. Historicamente, os inícios sempre tiveram um poder simbólico e estrutural. Na literatura, a abertura de uma obra funciona frequentemente como um microcosmo do seu todo, condensando temas, estilo e intenções do autor. Cervantes inicia *Dom Quixote* com uma reflexão sobre o real e o imaginário, Kafka lança-nos de imediato na alienação de *A Metamorfose* e Camus apresenta *O Estrangeiro* com uma frase que encapsula a sua filosofia do absurdo. O *incipit* não é um detalhe acessório, mas a fundação sobre a qual se ergue a narrativa.

Filosoficamente, a ideia de começo ressoa em múltiplos campos do pensamento. Desde Platão, que via a criação artística como uma emanção do mundo das Ideias, até Kant, que percebia a arte como uma manifestação do juízo estético, os inícios carregam um estatuto de especial relevância. Heidegger, ao refletir sobre a temporalidade, sublinha que cada começo já contém em si a marca da sua finitude. O início não é apenas cronológico, mas ontológico: é o ponto onde o ser se desvela, onde algo sai da ocultação e ganha sentido. Paul Valéry descrevia o ato criativo como uma luta entre o impulso inicial e a necessidade de estruturação, entre o primeiro gesto e a consciência da obra como um organismo vivo que cresce a partir de si mesmo. Aristóteles afirmava que "o início é mais do que metade de um todo", reconhecendo que o ponto de partida define, em grande medida, as direções possíveis de uma estrutura. O *incipit*, assim, não é apenas um instante fugaz, mas um momento carregado de destino e intenção.

Na arte e na ciência, o conceito de início adquire contornos igualmente fundamentais. Na fotografia, cada disparo da câmara é um *incipit*, uma escolha que fixa um fragmento do tempo e do espaço, conferindo-lhe um significado singular. Em exposições artísticas, a imagem inaugural estabelece o tom e a experiência do espetador, funcionando como um primeiro compasso na sinfonia visual que se seguirá. Na ciência, cada descoberta tem o seu *incipit* — um instante de revelação que reconfigura a forma como compreendemos o mundo. Desde a primeira observação de Galileu até às teorias revolucionárias da física quântica, o ato de começar é também um ato de transformação.

No domínio da arte, o *incipit* assume um carácter ritualístico. Cézanne via cada pincelada inaugural como um ato de construção do visível, Kandinsky entendia o primeiro traço como o ponto de ignição da espiritualidade na pintura. Walter Benjamin percebia os inícios como interrupções do fluxo temporal linear, momentos em que o passado e o presente colidem, gerando novos significados. No cinema, Tarkovsky explorava o primeiro plano como um portal para uma realidade expandida, enquanto Bergman usava as primeiras imagens para introduzir o espetador num espaço onde tempo e memória se entrelaçam.

A exposição proposta para o Museu de História Natural e da Ciência insere-se neste debate, explorando o *incipit* em múltiplas dimensões. Num presente marcado por crises ecológicas, avanços tecnológicos disruptivos e mutações sociopolíticas, refletir sobre os começos é essencial para compreender o mundo e antecipar futuros possíveis. A origem da vida, o despertar da consciência, os primeiros gestos artísticos e os momentos inaugurais das descobertas científicas são interseções onde a arte e a ciência convergem para questionar a nossa existência e os nossos caminhos.

Neste contexto, o *incipit* não é apenas um conceito, mas uma necessidade urgente. Vivemos num tempo de transformação acelerada, onde revisitar os inícios nos permite compreender as trajetórias que nos trouxeram até aqui e repensar os futuros que queremos construir. Assim, cada obra de arte, cada descoberta científica e cada novo começo contém em si uma promessa de plenitude, um compromisso com o devir. Se, como afirmava Heráclito, tudo flui e nada permanece, cada *incipit* é um instante de resistência contra o esquecimento, um marco que desafia a efemeridade da existência e celebra a essência do conhecimento e da criação.

JOSÉ ANTÓNIO QUINTANILHA
Janeiro 2025

INCIPIT
EXPOSIÇÃO DE JOSÉ ANTÓNIO QUINTANILHA
26 DE MARÇO - 4 DE MAIO DE 2025
UNIVERSIDADE DE LISBOA
MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL E DA CIÊNCIA